

O profeta e Black Power: Trotsky sobre raça nos Estados Unidos*

CHRISTIAN HØGSBJERG**

A vida e a obra de Leon Trotsky estiveram intrinsecamente interligadas à ascensão e à queda da Revolução Russa. É seu papel heroico como espada durante a Revolução de Outubro e a Guerra Civil e sua tentativa tragicamente condenada de atuar como escudo para o marxismo revolucionário contra a crescente burocracia stalinista que garante seu papel na história. Trotsky também foi um internacionalista excepcional e, embora não tenha escrito muito sobre a diáspora africana como um todo, ele abordou o que era conhecido pelos socialistas revolucionários da época como a “Questão do Negro”, o racismo sistemático sofrido pelos negros nos Estados Unidos. Infelizmente, a análise de Trotsky sobre a luta pela libertação dos negros nos Estados Unidos tem recebido pouca atenção crítica em comparação ao resto da sua obra. No entanto, a natureza humana abomina até o mais ínfimo vazio e esse relativo silêncio sobre a questão, mesmo entre trotskistas, tornou mais fácil para os menos simpáticos à política de Trotsky deturpar suas opiniões. Embora Baruch Knei-Paz, por exemplo, não pudesse esconder sua surpresa inicial de que a leitura de Trotsky sobre essa questão o deixasse com “a impressão de ler as palavras de um militante do Black Power”, ele atribuiu isso ao “oportunismo

* Publicado originalmente com o título “The Prophet and Black Power: Trotsky on Race in the US”, *International Socialism*, Londres, n.121, Winter, 2009. Tradução de Sean Purdy, Camila Borja de Oliveira, Fernanda de Brito Bassi e Guilherme Melati. As notas de tradução estão indicadas com a sigla N. T.; as demais pertencem ao artigo original.

** Professor da School of Humanities and Social Sciences, University of Brighton, Brighton, Reino Unido e autor de *C.L.R. James in Imperial Britain*. Durham: Duke University Press, 2014. (N. T.)

político” leninista de Trotsky, ao aparentemente explorar o “nacionalismo negro para objetivos revolucionários mais amplos” (1979, p.555).¹

Contudo, de modo paradoxal, os críticos mais radicais de Trotsky têm frequentemente feito a afirmação oposta, de que “Trotsky não entendia a força das paixões nacionalistas entre os afro-americanos como um motor motivador da luta de classes” (Young, 1988, p.197). Este artigo não pretende sugerir que Trotsky tenha dado qualquer tipo de “resposta revolucionária à questão do negro”, mas vai simplesmente tentar defendê-lo de ambas as acusações levantadas contra ele. Por um lado, defendê-lo da acusação de oportunismo político e, por outro, da de rude filisteísmo. O artigo fará isso por meio de uma exploração histórica do desenvolvimento e da evolução de sua análise sobre a luta pela libertação negra nos Estados Unidos. Argumenta-se que, apesar das inevitáveis limitações e deficiências em alguns pontos, Trotsky demonstrou, de modo geral, uma simpatia instintiva e um desejo aguçado por uma compreensão mais profunda da luta de libertação negra na América, combinados com uma imaginação característica de um dos maiores revolucionários da tradição marxista clássica.

Um “judeu não judeu” no Império Russo

As raízes do profundo internacionalismo de Trotsky residem, em parte, na experiência de ter crescido cultural, espiritual e temperamentalmente na condição de um forasteiro na Rússia, resultado de um Estado czarista que promovia o racismo contra a população judaica. Como Esme Choonara observa:

o czar liderou o que foi o nível mais profundo de antissemitismo em qualquer país antes da ascensão de Adolf Hitler e dos nazistas na Alemanha. O antissemitismo era, na verdade, encorajado pelo Estado, que orquestrava violência popular, os pogroms, contra judeus. Judeus foram impedidos de se estabelecer ou de possuir terras em muitas partes da Rússia, motivo por que a família de Trotsky acabou na Ucrânia. (Choonara, 2007, p.3)

Filho de fazendeiros judeus, Trotsky nasceu em 1879, com o nome de Lev Davidovich Bronstein. A maioria dos fazendeiros judeus da região vivia em “colônias” na estepe de Kherson, perto do Mar Negro. De certo modo, em nome do czarismo, a população judaica foi pioneira na colonização “russa” desta selvagem e remota região (tal como outros estrangeiros, como sérvios, búlgaros e gregos) e lá ficaram livres do pior do antissemitismo da época (Deutscher, 1979, p.6).

Em sua “tentativa de uma autobiografia”, *Minha Vida*, de 1930, Trotsky descreve como foi sua primeira escola, em uma “colônia” judaica-alemã nas proximidades:

1 Muitos agradecimentos aos editores deste jornal e também a Weyman Bennet, Paul Blackledge, Charlie Hore, David Howell e Mark Thomas.

ao longo da colônia, corria uma ravina: de um lado, estava o assentamento judeu e, do outro, o alemão. As duas partes se destacavam em nítido contraste. Na seção alemã, as casas eram bem cuidadas, parte cobertas com telha, parte com palha, cavalos grandes e vacas com pelos vistosos. Na seção judaica, as cabanas estavam em mau estado, os telhados esburacados, o gado esquelético. (Trotsky, 1979, p.38)

Tal injustiça insultou a consciência social do jovem Bronstein. Na escola secundária, ele encontrou-se defendendo um estudante alemão intimidado por um professor impopular, ficando ele próprio temporariamente suspenso por ter testemunhado sua hostilidade contra todas as formas de opressão (Trotsky, 1979, p.64-75).

Depois de tornar-se um marxista revolucionário em 1898 e, finalmente, tornar-se o que Isaac Deutscher chamaria de “judeu não judeu” nesse processo, Trotsky demonstrou suas habilidades e seu talento político durante as agitações de 1905, motivadas pela desastrosa guerra do Império russo com o Japão. Em outubro de 1905, o primeiro conselho de trabalhadores do mundo foi formado, o Soviete de Deputados Trabalhadores de São Petersburgo. Como Choonara observa:

Trotsky, mais do que qualquer outro líder revolucionário de seu tempo, compreendeu a importância do soviete e lançou-se de modo entusiasta em suas atividades [...] aos 26 anos, um jovem judeu em um país onde o antissemitismo era corriqueiro, Trotsky foi eleito líder do Soviete de São Petersburgo, tornando-se um orador-chave e o editor de seu folheto de notícias. (Choonara, 2007, p.10)

Em resposta à revolução, a polícia secreta czarista incentivou uma onda contrarrevolucionária de pogroms sangrentos contra judeus, por meio das “Centúrias Negras”. Em meio ao que Trotsky lembrou como “dias ansiosos, quando o jornalista escrevia e o tipógrafo trabalhava com um revólver no bolso”, ele ajudou a garantir que o soviete em São Petersburgo organizasse destacamentos armados de trabalhadores, que frustraram, com sucesso, as tentativas de desencadear um pogrom na cidade (Cliff, 1989, p.97-99).

Um revolucionário russo em Nova York

Em janeiro de 1917, exilado da Rússia e deportado de país em país europeu, Trotsky foi autorizado a viajar para a América do Norte com sua família, alugando um apartamento em Nova York. Como lembrou em *Minha Vida*, foi nesse momento que ele começou a entender um pouco sobre racismo e resistência nos Estados Unidos:

O zelador da casa era negro. Minha esposa pagou-lhe o aluguel de três meses adiantado, mas ele não deu nenhum recibo, porque o proprietário tinha levado embora o livro de recibos no dia anterior, para verificar as contas. Quando nos

mudamos para a casa dois dias depois, soubemos que o negro tinha fugido com o aluguel de vários inquilinos. Além do dinheiro, tínhamos confiado a ele a guarda de alguns de nossos pertences. O incidente nos perturbou. Foi um mau começo. Mas acabamos encontrando nossos pertences e quando abrimos a caixa de madeira que continha nossa louça, ficamos surpresos ao encontrar nosso dinheiro escondido nela, cuidadosamente embrulhado em papel. O zelador tinha tomado o dinheiro dos inquilinos que já tinham obtido seus recibos; ele não se importava em roubar o proprietário, mas foi atencioso o bastante para não roubar os inquilinos. Era um sujeito delicado, de fato. Minha esposa e eu ficamos profundamente tocados pela sua consideração e sempre pensamos nele com gratidão. Este pequeno incidente assumiu um significado sintomático para mim – parecia como se um pedaço do véu que escondia o problema “negro” nos Estados Unidos tivesse sido levantado. (Trotsky, 1979, p.280-281)

Não tivesse Trotsky retornado à Rússia revolucionária em 1917, mas permanecido nos Estados Unidos apenas por mais alguns meses, outro “pedaço do véu” da “questão do negro” poderia bem ter sido levantado. Não era apenas a questão da segregação racista institucionalizada nas leis segregacionistas de Jim Crow que a população negra nos Estados Unidos tinha que enfrentar, tal como, mas também uma ofensiva ideológica, uma estratégia consciente da classe governante, em usar o racismo para “dividir e governar”. No início de julho de 1917, no leste de St. Louis, um ataque horrível contra a população negra local, que deixou 39 mortos, chamou a atenção nacional nos Estados Unidos. Como o historiador Winston James observa, as raízes desse “pogrom” estavam na “competição de trabalho habitual entre trabalhadores brancos e negros, uma prática institucionalizada de uma América racista”:

Os trabalhadores brancos mantiveram os trabalhadores negros fora dos sindicatos; os trabalhadores negros, como muitos trabalhadores brancos não sindicalizados, atuaram como fura-greves; e os empregadores aproveitaram a vantagem da divisão. Então, em 2 de julho de 1917, consumido por uma acumulação pulsante de ressentimentos racistas, o leste branco de St. Louis explodiu em uma orgia diabólica de selvageria indescritível. A população negra naquela cidade foi trucidada e queimada viva, da maneira mais bárbara e ultrajante, pelas multidões brancas; mulheres e crianças negras que estavam fugindo foram atingidas por tiros ou atiradas vivas para as fornalhas furiosas que antes tinham sido suas casas; em outros casos, a multidão primeiro pregou placas sobre as portas e janelas antes de incendiar as casas. (James, 1999, p.94-95)

Um jovem imigrante russo e judeu que testemunhou a violência disse a Oscar Leonard, o superintendente da St. Louis Jewish Educational and Charitable

Association [Associação Judaica de Educação e Caridade de St. Louis],² que “as Centúrias Negras russas poderiam tirar lições com os brancos do leste de St. Louis sobre como fazer pogrom. Os russos, disse ele, ao menos davam aos judeus a chance de correr enquanto estavam tentando assassiná-los” (James, 1999, p.94-95).

Encontro com Claude McKay na Rússia Soviética

Dado que tal tirania tenha reinado sem controle na “terra dos livres”, não é surpreendente que a Revolução de Outubro na Rússia tenha inspirado muitos negros na América. Um daqueles que se encheu de esperança pelas agitações de uma revolução socialista que tinha destruído um império institucionalmente racista foi um jovem poeta jamaicano, Claude McKay (1890-1948). Em 1912, McKay havia deixado o Caribe e se mudado para os Estados Unidos. Ele ficou chocado com o racismo aberto e flagrante que encontrou por lá, que era bastante diferente de um tipo mais sutil a que estava acostumado na colônia britânica da Jamaica, onde os negros constituíam a maioria da população. “Foi a primeira vez que me deparei com tal ódio manifesto e implacável contra minha raça e meus sentimentos foram indescritíveis [...]. Eu tinha ouvido a respeito do preconceito na América, mas nunca sonhei que isso fosse tão intensamente amargo”, lembrou ele, em 1918 (James, 1999, p.51) e também que:

No Sul, assassinatos de uma natureza mais hedionda e revoltante diariamente; no Norte, consentimento silencioso, ódio profundo, meio escondido sob uma respeitabilidade puritana, que muitas vezes estourava em um linchamento ocasional – essa ferida feia e crua no corpo de uma grande nação. A princípio, eu fiquei horrorizado; meu espírito se revoltou contra a crueldade ignóbil e a cegueira de tudo isso. Então logo me encontrei odiando também, mas esse sentimento não poderia durar muito, pois odiar é ser miserável. (James, 1999, p.93-94)

Radicalizando-se politicamente, McKay rompeu com seu socialismo fabiano juvenil e ingressou na organização multirracial e militante Industrial Workers of the World [Trabalhadores Industriais do Mundo] (IWW). Ele também tornou-se membro da African Blood Brotherhood [Irmandade de Sangue Africana] (ABB), negra, radical e nacionalista, formada em 1919. A ABB, que tinha laços cada vez mais estreitos com a nova Internacional Comunista, simbolizava um novo clima de resistência entre a população negra na América depois da Primeira Guerra Mundial. McKay, o “bolchevique negro”, preconizou em 1919 que:

Todo negro que reivindica a liderança deveria fazer um estudo do bolchevismo e explicar seu significado para as massas de cor. É a maior e mais científica ideia em

2 Ao longo do texto, optou-se por manter os nomes das organizações em inglês, indicando entre colchetes a tradução para o português. (N. T.)

voga no mundo hoje, que pode ser facilmente colocada em prática pelo proletariado para melhorar sua vida material e espiritual. O bolchevismo [...] tem feito a Rússia segura para o judeu. Tem libertado o camponês eslavo do padre e do burocrata, que já não o podem obrigar a matar judeus para reforçar suas instituições apodrecidas. Pode fazer os Estados Unidos seguro para o negro [...] se a ideia russa pudesse tomar conta das massas brancas do mundo ocidental e elas pudessem se levantar em força unida e derrubar seus governos capitalistas imperiais, então os trabalhadores negros seriam automaticamente livres! (James, 1999, p.165-166)

Em 1921, McKay escreveu uma carta para W. E. B. Du Bois, editor de *The Crisis*, publicação da National Association for the Advancement of Coloured People [Associação Nacional para o Progresso das Pessoas de Cor], declarando que estava:

surpreso e triste com seu editorial [...] zombar da Revolução Russa, o maior evento na história da humanidade [...] o fato indiscutível e marcante da Revolução Russa para os negros americanos é que um mero punhado de judeus, em um número menor em relação ao número de negros na população americana, alcançaram, por meio da revolução, todos os direitos políticos e sociais que lhes foram negados durante o regime do czar. (James, 1999, 183)

Em 1920, após uma intervenção vigorosa de Lênin sobre a questão do negro no segundo congresso da Internacional Comunista, McKay foi convidado pelo jornalista e revolucionário americano John Reed para ir a Moscou como um representante da ABB, para discutir as perspectivas da libertação negra. McKay tinha rejeitado a oferta de Reed na época, porque, como um poeta em primeiro lugar, ele não se sentia qualificado e com essa capacidade (McKay, 1969, p.206).³ Em 1922, porém, quando McKay recebeu um convite para participar do quarto congresso da Internacional Comunista em Moscou, a oportunidade era boa demais para resistir e ele partiu para a Rússia soviética imediatamente. “Aqueles dias na Rússia permanecem os mais memoráveis da minha vida”, recordaria ele mais tarde (James, 1999, p.180, 272, 276; ver também McKay, 1923). “Sempre que aparecia na rua, eu era saudado por todas as pessoas com entusiasmo [...] um surgimento espontâneo do sentimento popular”: era o completo contrário de suas experiências nos Estados Unidos e na Europa. “Nunca na minha vida me senti mais orgulhoso de ser um africano, um negro”, lembrou durante os “anos magros e famintos” de 1922-1923 (McKay, 1969, p.158, 167-168). Muito embora ele tenha participado do congresso em razão da sua capacidade como um dos mais importantes artistas do Renascimento do Harlem,

3 De dezembro de 1919 a janeiro de 1921, McKay experimentou o racismo na Grã-Bretanha imperial (ver James, 2003). Sobre a ABB, os primeiros anos da Internacional Comunista e dos comunistas americanos sobre a “questão do negro”, ver Shawki (2006, p.128-137).

antes do que pela sua capacidade política formal, McKay ajudou a rascunhar a resolução do Comintern sobre a questão do negro, um tema sobre o qual também se endereçou apaixonada e eloquentemente ao congresso:

A situação na América de hoje é terrível e cheia de perigos graves. É muito mais feia e mais terrível do que era a condição dos camponeses e judeus da Rússia sob o Czar. É tão feia e terrível que muito poucas pessoas na América estão dispostas a enfrentá-la [...]. Os socialistas e comunistas têm lutado muito timidamente, porque há um grande elemento de preconceito entre os socialistas e comunistas da América. Eles não estão dispostos a enfrentar a questão do negro [...] essa é a maior dificuldade que os comunistas da América têm que superar – o fato de que eles primeiro têm que emancipar-se das ideias que eles conservam sobre os negros antes de serem capazes de alcançar os negros com qualquer tipo de propaganda radical. (McKay, 1922)

Enquanto estava em Moscou, McKay não pôde encontrar-se com Lênin (que estava muito doente), mas se reuniu com lideranças bolcheviques como Zinoviev, Radek, Bukharin e, sobretudo, com Trotsky. Stálin nunca se preocupou em responder ao pedido de McKay para um encontro. Entretanto, como lembrou em sua autobiografia, *A Long Way from Home*, de 1937, o pedido para um encontro com Stálin “desapareceu de meus pensamentos quando entrei em contato com a personalidade magnética de Trotsky”, então comissário para a guerra (McKay, 1969, p.206-207):

Trotsky me fez algumas perguntas diretas e argutas sobre os negros americanos, sobre suas organizações de grupo, posições políticas, escolarizações, religiões, queixas e aspirações sociais e, finalmente, que tipo de sentimento existia entre negros americanos e africanos. Eu respondi com o melhor conhecimento e informação que eu pude. Então Trotsky expressou sua própria opinião sobre os negros, que era mais inteligente do que as de qualquer um dos outros líderes russos [...]. Ele não foi rápido ao fazer deduções sobre as causas do preconceito branco contra negro. Na verdade, ele não fez quaisquer conclusões e, felizmente, não expressou qualquer sentimentalismo piegas sobre fraternidade entre branco e negro. O que ele disse foi muito prático... Insistiu que os negros deveriam ser educados sobre o movimento operário [...]. Disse que gostaria de dar um exemplo prático em seu próprio departamento e propôs o treinamento de um grupo de negros como oficiais no Exército Vermelho. (McKay, 1969, p.208)⁴

4 Como Winston James observa desses “bolcheviques negros” russos, eles eram “principalmente descendentes de africanos que haviam se estabelecido várias gerações antes ao longo do Mar Negro. Eles lutaram, se distinguiram e ascenderam no Exército Vermelho de Trotsky, umedeceram o solo russo com seu sangue durante a Guerra Civil, e pelo menos um serviu em Tiblíssi, a capital da Geórgia, nos anos 1920” (James, 1999, p.167).

No geral, McKay sentiu que Trotsky “falou sabiamente” e “era humano e universal em sua perspectiva. Ele pensava os negros como pessoas como quaisquer outras e que foram infelizmente deixadas para trás na marcha da civilização” (McKay, 1969, p.182). McKay lembra que: “antes de eu sair, Trotsky me pediu para fazer um resumo das minhas ideias, por escrito, para ele. Isso eu fiz e ele escreveu um comentário a respeito”. Ambos foram publicados na imprensa soviética (McKay, 1969, p.209). A *Carta ao Camarada McKay*, de Trotsky, de 1923, mostrou até que ponto o seu pensamento até aquele momento havia sido moldado pelas perspectivas sobre a questão do negro estabelecidas por Lênin e pela Internacional Comunista; Trotsky encorajou McKay e a ABB, que agora estava muito próxima da Internacional Comunista. “O dia das resoluções gerais sobre o direito à autodeterminação dos povos coloniais, sobre a igualdade de todos os seres humanos, independentemente da cor, acabou”, declarou Trotsky. “Chegou a hora da ação direta e prática. Cada dez negros que se reúnem em torno da bandeira da revolução e se unem para formar um grupo para o trabalho prático entre os negros valem 100 vezes mais do que dezenas de resoluções que estabelecem princípios tão generosamente aprovados pela Segunda Internacional”. Trotsky, portanto, notou que “a educação dos propagandistas negros é uma tarefa revolucionária extremamente urgente e importante na presente conjuntura”, mas admitiu que o papel que alguém como ele poderia desempenhar nesta “educação” só poderia ir, sem dúvida, até certo ponto. “Quais formas de organização são mais adequadas para o movimento entre os negros americanos é difícil dizer, pois não estou suficientemente informado sobre as condições e as possibilidades concretas. Mas as formas de organização serão encontradas tão logo haja vontade suficiente para agir.”

Enquanto isso, dado o recuo geral dos primeiros pontos altos da unidade entre negros e brancos ao longo das linhas de classe na América, por exemplo, no movimento populista do Sul nos anos 1890 e, depois, na Industrial Workers of the World [Trabalhadores Industriais do Mundo], Trotsky defendeu a necessidade e a importância da autonomia dos negros e de organizações tais como a ABB de superar as barreiras para a unidade da classe trabalhadora. Observando o racismo da burocracia sindical na América, Trotsky escreveu que “a luta contra essa política deve ser assumida de diferentes lados e conduzida sobre várias linhas”. Ao “iluminar a consciência proletária” entre “os escravos negros do capitalismo americano”, por meio de um “despertar do sentimento de dignidade humana e de protesto revolucionário” entre a população negra nos Estados Unidos, teria sido dado um dos mais importantes passos em torno da unidade de classe.

No entanto, diante do atraso político geral da esquerda americana em relação à “questão do negro” e da subsequente desconfiança da população negra em relação à esquerda como um todo, Trotsky reiterou que, num futuro previsível, engajar politicamente a população negra dessa maneira “pode apenas ser realizado por

negros revolucionários abnegados e politicamente educados” (Trotsky, 1972b, p.354-356).⁵

Os trotskistas estadunidenses e a “questão do negro”

Além dessa discussão com McKay na época dos primeiros quatro congressos da Internacional Comunista, Trotsky, em muitos aspectos, poderia ter adiado, e de fato adiou, a “questão do negro” nos Estados Unidos e, de modo mais geral, as questões nacional e colonial, em favor de outras. Como comissário da Guerra quando a Revolução Russa estava cercada pela intervenção internacional e enfrentando a guerra civil interna, as prioridades de Trotsky estavam compreensivelmente em outro lugar. Contudo, quando Trotsky foi forçado ao exílio da terra da Revolução de Outubro pela crescente burocracia stalinista, enfrentou quase sozinho a responsabilidade de defender e manter a tradição do bolchevismo clássico. Em 1929, o exilado Trotsky escreveu a seu pequeno grupo de apoiadores na América que havia recentemente sido expulso do Partido Comunista e que tinha acabado de se reconstituir como Liga Comunista da América (Oposição) (Phelps, 2003, p.XXIX). Trotsky enfatizou a importância de eles assumirem a “questão do negro”, ainda que não tivessem membros negros em suas fileiras na época:

Os burocratas sindicais, como os burocratas do falso Comunismo, vivem na atmosfera de preconceitos aristocráticos dos estratos mais altos dos trabalhadores. Será uma tragédia se os oposicionistas forem infectados, mesmo no menor grau, com essas qualidades. Não devemos apenas rejeitar e condenar estes preconceitos; nós devemos queimá-los de nossa consciência até o último vestígio. Devemos encontrar o caminho para os mais desfavorecidos, para os estratos mais escuros do proletariado, começando pelo negro, que a sociedade capitalista convertera em pária, e que deve aprender a ver em nós seus irmãos revolucionários. E isto depende inteiramente de nossa energia e devoção ao trabalho. (Trotsky, 1972a, p.5)

Infelizmente, o conselho de Trotsky caiu, se não em ouvidos totalmente surdos, ao menos em ouvidos pertencentes a membros de um grupo novo muito pequeno, sobrecarregado com outro trabalho político e dividido sobre como proceder nessa questão mais crucial. No final de fevereiro de 1933, apesar do fato de os nazistas estarem à beira de tomar o poder na Alemanha e Trotsky estar no exílio na ilha de Pinkipo, ele encontrou tempo para se encontrar com um representante do movi-

5 O próprio McKay logo se afastaria politicamente do socialismo revolucionário, mas nunca abraçou o stalinismo. Como seu amigo – e tradutor de Trotsky – Max Eastman observou, McKay “não escondeu seu desprezo pela cada vez mais implacável tirania sobre a mente e o corpo do homem que ele viu crescer da grande revolução que o elevou tão alto [...] seus últimos anos foram passados na doença; ele não podia escrever muito. Uma palavra do lado comunista teria lhe trazido facilidade, conforto, fama contemporânea e uma boa renda. Mas ele não a dizia. Ele preferiu viver na penúria, e ver sua fama e popularidade desaparecerem gradualmente da terra” (Eastman, 1953, p.112).

mento trotskista americano, Arne Swabeck, para tentar esclarecer “a questão do negro na América”. A discussão foi moldada pelo fato de que, em 1928, o Partido Comunista (PC) havia levantado um novo slogan repentinamente – “Autodeterminação para o Cinturão Negro” (uma área mal definida dos Estados Unidos onde os negros constituíam a maioria da população e onde, sem a legislação Jim Crow, eles exerceriam naturalmente algum poder político), como se a população negra na América fosse oprimida pelo racismo e em base nacional, tal qual os povos colonizados. Dado que a demanda por um Cinturão Negro não viera da própria população negra na América, mas teve origem na Moscou de Stálin, e dado o recente registro da Internacional Comunista stalinizada em velejar erraticamente em torno do ultraesquerdismo durante o “Terceiro Período”, o movimento trotskista americano em geral estava naturalmente bastante cético. Em vez de levantar o slogan abstrato por um Cinturão Negro, eles geralmente insistiam que a questão principal era ainda uma questão de raça e, portanto, uma batalha pela “igualdade social, política e econômica para os negros” na América (Trotsky, 1972a, p.12).

Na discussão de 1933, Trotsky concordou que “se a situação na América fosse tal que existissem ações comuns entre os brancos e os trabalhadores de cor, que a confraternização de classes já tinha se tornado um fato, então talvez os argumentos de nossos camaradas tivessem uma base”. Entretanto, a população negra na América estava na defensiva após o colapso do movimento de massas em torno do pan-africanista jamaicano Marcus Garvey durante os anos 1920, enquanto “o trabalhador americano é indescritivelmente reacionário [...], em relação aos negros eles são carrascos como também o são em relação aos chineses”. Portanto, era “necessário ensinar às bestas americanas... [e] fazê-las entender que o Estado americano não é seu Estado e que eles não têm que ser os guardiões deste Estado”. Dada a opressão material da população negra pela sociedade branca americana como um todo, incluindo até mesmo a classe trabalhadora branca organizada, Trotsky argumentou que havia o perigo de um simples slogan de “igualdade” tornar-se em si mesmo abstrato; não levantar a questão da “autodeterminação do Cinturão Negro” era “uma certa concessão ao ponto de vista do chauvinismo americano” e, portanto, “uma adaptação à ideologia dos trabalhadores brancos”. “O negro pode ser desenvolvido para um ponto de vista de classe apenas quando o trabalhador branco for educado” e “autodeterminação” era uma demanda democrática, lembrava ele (Trotsky 1972a, p.12-13, 15, 17).

Sem dúvida Trotsky estava impressionado com o importante trabalho de defesa dos “Scottsboro Boys” (nove adolescentes negros injustamente acusados de violar duas mulheres brancas num trem em 1931) que o Partido Comunista estava agora empreendendo, o que permitiu ao PC estabelecer novas raízes dentro da comunidade negra dos Estados Unidos. Além disso, como Trotsky agora apontava, em “certo sentido”, como um slogan, a “autodeterminação” era revolucionária e ele passou a especular como o impulso para um Cinturão Negro poderia desempenhar um papel-chave no processo de “revolução permanente na América”. Através

do curso de tal luta por um Cinturão Negro, “é então possível que os negros se tornem a seção mais avançada” do movimento operário americano, depois de serem vistos anteriormente pela esquerda revolucionária como a mais atrasada e menos organizada. “É muito possível que os negros também prossigam, por meio da autodeterminação, para a ditadura do proletariado em alguns poucos passos gigantescos, à frente do grande bloco de trabalhadores brancos. Eles então fornecerão a vanguarda” (ibid., p.14, 18).

Em geral, Trotsky aqui demonstrou um sentido aguçado sobre o fato de que as coisas eram mais complicadas na América do que pareciam na superfície e que havia e há diferentes graus e formas de opressão. Quando a pressão sobre um grupo oprimido se acumula até o tipo de níveis extremos que havia nos Estados Unidos em relação à população negra, é apenas uma questão de tempo antes das coisas explodirem. Quando os oprimidos contra-atacam, sua revolta se manifestará provavelmente de formas tais que são impossíveis prever com antecedência. Além disso, a população negra tinha o direito de determinar seu próprio destino e de organizar sua própria defesa de qualquer forma que escolhesse e de esperar apoio, se não acrítico ao menos incondicional, dos socialistas revolucionários nesse processo. Rejeitar antecipadamente “a demanda por autodeterminação” para um Cinturão Negro só porque a população negra não tinha ainda se colocado à frente, Trotsky pensava ser “doutrinarismo”. É claro, “os negros são uma raça e não uma nação” (p.13, 17). Entretanto, nações não poderiam ser definidas em termos puramente objetivos, por território, língua ou unidade econômica, mas eram o que Benedict Anderson chamou de “comunidades imaginárias” e o nacionalismo – incluindo o nacionalismo negro – era, portanto, uma complicada criação cultural (Löwy, 1998, p.68). Como Trotsky colocou: “um critério abstrato não é decisivo nesta questão, mas muito mais decisivos são a consciência histórica, seus sentimentos e seus impulsos. Mas isso também não é determinado acidentalmente, mas pelas condições gerais.” De fato, “as nações crescem do material racial sob condições definidas” e:

a supressão dos negros os empurra para uma unidade política e nacional... Nós não obrigamos os negros, é claro, para se tornarem uma nação; se o são, então é uma questão de suas consciências, isto é, o que desejam e pelo que lutam. Nós dizemos: se os negros querem isso, então devemos lutar contra o imperialismo até a última gota de sangue, a fim de que eles ganhem o direito, onde e como quiserem, de separar um pedaço de terra para eles mesmos. (Trotsky, 1972a, p.13, 16)

Realmente, Trotsky estava apenas “absolutamente certo” sobre um aspecto de qualquer futura luta revolucionária nos Estados Unidos, que uma vez iniciada, como o setor mais oprimido da sociedade americana, a população negra “em qualquer caso lutará melhor do que os trabalhadores brancos” pela emancipação. Assim, o que importava para os socialistas revolucionários nos Estados Unidos

era travar “uma luta impiedosa e intransigente não contra os supostos pressupostos nacionais dos negros, mas contra os colossais preconceitos dos trabalhadores brancos”. Racismo não era simplesmente uma questão para a população negra que sofria com ele. A supremacia branca como ideologia era também fundamentalmente um problema crítico enfrentado pela classe trabalhadora branca nos Estados Unidos. Como Karl Marx havia observado, “nos Estados Unidos da América todo movimento independente de trabalhadores estava paralisado enquanto a escravidão desfigurasse uma parte da república. O trabalho de pele branca não pode se emancipar onde é marcado a ferro em pele negra” (Marx, 1976, p.414). Embora a escravidão não tivesse sobrevivido à transformação revolucionária da Guerra Civil americana, ainda era o caso, como Trotsky agora lembrava seus partidários, que “quando o trabalhador branco desempenha o papel do opressor ele não pode libertar a si mesmo, muito menos os povos coloniais” ou pessoas de cor (Trotsky, 1972a, p.18).

Enquanto Trotsky admitisse que “nunca estudei essa questão e em minhas observações eu procedo das considerações gerais”, nas discussões de 1933, ele mostrou que era capaz de compreender muitos dos aspectos essenciais da questão concreta de opressão racial na América. Por exemplo, sobre as contradições de crença religiosa Trotsky observou que “o batismo do negro é algo totalmente diferente do batismo do [barão ladrão americano] Rockefeller. Estas são duas religiões diferentes” (Trotsky, 1972a, p.15-17).⁶ A fraqueza mais óbvia das discussões de Trotsky aqui diz respeito à sua pergunta sobre se “os negros nos estados do Sul falam sua própria língua negra”, que eles “naturalmente temem” falar por causa do linchamento, mas que podem vir a “se expressar” quando se sentirem livres.

Contudo, Christopher Phelps tem observado que “a curiosidade e a especulação sobre língua para Trotsky é menos peculiar, por exemplo, quando confrontadas com o contexto da questão nacional na Rússia e na Europa Central, onde a língua e a nacionalidade estavam entrelaçadas” (ibid., p.14; Phelps, 2003, p.XXXVI). No geral, como George Breitman observou da intervenção de Trotsky, “para mostrar aos seus camaradas americanos como ele pensava que os revolucionários deveriam reagir à opressão dos negros, ele denunciou os trabalhadores brancos preconceituosos em termos mais mordazes, mais amargos, do que qualquer marxista americano, negro ou branco, jamais tinha feito”. Como observa Phelps, “o próprio Trotsky, ao enfatizar esse ponto, poderia ter distinguido melhor entre gradações de crenças racialistas, da obtusidade à condescendência e à absoluta supremacia branca, mas pelo menos ele colocou o problema na frente e no centro” (Trotsky, 1972a, p.9; Phelps, 2003, p.LVII).

Trotsky concluiu sua discussão em 1933, convidando o movimento trotskista americano a empreender “uma discussão séria sobre esta questão”. Max

6 Antonio Gramsci fez o mesmo comentário nos *Cadernos de Cárcere*: “Toda religião é na realidade uma multiplicidade de religiões distintas e contraditórias”.

Shachtman, então um dos principais teóricos do início do movimento trotskista americano, escreveu um documento intitulado *Comunismo e o Negro* (1933), que ele enviou a Trotsky. “Minha opinião sobre a questão do negro é de uma natureza inteiramente hipotética”, respondeu Trotsky. “Sei muito pouco sobre isso e estou sempre pronto para aprender. Vou ler seu manuscrito com grande interesse” (Trotsky, 1972a, p.18; Phelps, 2003, p.XL).⁷ Shachtman propôs defender a posição trotskista americana existente, criticando de forma abrangente a posição comunista de “autodeterminação para o Cinturão Negro” (e assim também implicitamente desafiando a posição de Trotsky). Enquanto o trabalho de Shachtman mostrava a natureza ridiculamente abstrata de propostas por um Cinturão Negro, e em muitos aspectos foi uma análise histórica marxista pioneira e inovadora de raça na América, Phelps está certo ao notar que não foi sem fraquezas. As perspectivas de progresso um pouco esquemáticas de Shachtman careciam de poder preditivo, descartando possibilidades para qualquer avanço, exceto por meio da unidade revolucionária dos trabalhadores negros e, mais criticamente, descartavam o valor da auto-organização negra independente, algo que Trotsky, como vimos, nunca fez. Como Phelps observa a respeito de Shachtman: “Ao negar a validade dos movimentos negros independentes, ele omitiu a questão estratégica decisiva sobre o que as pessoas de cor deveriam fazer quando a classe trabalhadora branca não está disposta a apoiar demandas especiais dos negros – ou, pior ainda, dada à resistência à igualdade dos negros ou ao racismo absoluto” (Phelps, 2003, p.XXI). O trabalho de Shachtman não foi publicado, pois com a virada da Internacional Comunista para a Frente Popular, o slogan do PC de “Autodeterminação para o Cinturão Negro” foi colocado em segundo plano para não ofender a opinião racista “liberal” americana. Havia ainda poucas evidências de que os próprios negros americanos demandassem um Cinturão Negro.

Durante a década de 1930, o movimento trotskista americano, que em 1938 havia constituído o Socialist Workers Party [Partido dos Trabalhadores Socialistas] (SWP), ampliou seu número de militantes durante a Grande Depressão, acompanhando o explosivo crescimento do sindicalismo norte-americano. Entretanto, apesar do fato de que o SWP tinha agora várias dezenas de membros negros, Trotsky ainda estava profundamente preocupado com as falhas do movimento trotskista americano em construir qualquer coisa semelhante ao tipo de ligações com a população negra dos Estados Unidos que o Partido Comunista americano tinha conseguido fazer durante os anos 1930, por meio do trabalho de campanhas antirracistas (ibid., p.XLIII).

Em 1938, Trotsky providenciou para que o historiador negro e marxista de Trinidad, o “pan-africanista da luta de classes”, C. L. R. James (1901-1989), talvez a força motriz intelectual do trotskismo britânico durante os anos 1930, viesse

⁷ *Comunismo e o Negro*, de Shachtman, foi publicado como *Race and Revolution*, em 2003, com a inestimável introdução de Phelps.

para os Estados Unidos para um tour de seis meses de palestras. Como Trotsky disse a James quando eles se encontraram para discutir a questão dos negros em Coyoacán, em abril de 1939, “acredito que a primeira questão é a atitude do Partido dos Trabalhadores Socialistas em relação aos negros. É muito inquietante descobrir que até agora o partido não fez quase nada nesse campo”. Trotsky advertiu que o SWP não só não seria capaz de “se desenvolver”, mas que “degeneraria” a menos que entrasse na luta de forma mais séria. Como “o setor mais oprimido e discriminado” da população, a população negra era “o meio mais dinâmico da classe trabalhadora” e destinado a ser “uma vanguarda da classe trabalhadora”. Se o SWP não pudesse relacionar-se com eles, “então nós não somos dignos de nada. A revolução permanente e todo o resto seria apenas uma mentira” (Trotsky, 1972a, p.23, 42-43).⁸

Encontrando C. L. R. James

Na época em que Trotsky conheceu James, no início de abril de 1939, os líderes trotskistas americanos já consideravam o autor de *Os Jacobinos Negros* (1938) a autoridade principal do movimento sobre a luta de libertação e as tradições culturais distintas dos negros americanos. Embora James estivesse nos Estados Unidos há apenas seis meses, na Grã-Bretanha ele havia trabalhado de perto com seu amigo de infância de Trinidad, George Padmore, um antigo membro do Partido Comunista americano e, até 1933, a figura principal na Internacional Comunista sobre a questão colonial e dos negros. James também conheceu vários americanos negros na Grã-Bretanha, tais como Paul Robeson, e já tinha escrito brevemente sobre a história das lutas da população negra na América em *A History of Negro Revolt* (1938). Talvez por causa de sua leitura de *Comunismo e o Negro*, de Shachtman, Trotsky, em 1939, estava agora muito mais informado sobre a fraqueza do slogan de “Autodeterminação para o Cinturão Negro” e considerava a “atitude comunista de fazer disso um slogan imperativo” um equívoco. “Era um caso dos brancos dizendo aos negros: ‘Vocês devem criar um gueto para vocês mesmos’. É sem tato e falso e só pode servir para repelir os negros.”

No entanto, Trotsky convenceu James de que não havia nada de “reacionário” no slogan em si, como James sugeriu em suas *Preliminary Notes on the Negro Question* (1939), que circulou antes da discussão, enquanto “lutar pela possibilidade de realizar um Estado independente é sinal de um grande despertar moral e político. Seria um tremendo passo revolucionário”. Em um pequeno recuo de sua posição anterior, Trotsky argumentou: “Não proponho que o partido defenda (essa proposta) [...], mas apenas proclamar nossa obrigação de apoiar a luta por autodeterminação, se os próprios negros quiserem isso” (Trotsky, 1972a, p.29, 31-32). Trotsky e James chegaram a um acordo sobre esse ponto, embora, como vimos, assim como Shachtman, James estivera cético desde o início em relação à

⁸ Para uma breve introdução a James, ver Høgsbjerg (2006).

ideia de um Cinturão Negro. “Você parece pensar que há uma possibilidade maior de os negros quererem autodeterminação do que eu penso que seja provável”, disse James a Trotsky. “Mas temos um acordo de cem por cento sobre a ideia que vocês apresentaram de que devemos permanecer neutros” e apoiar o “direito à autodeterminação”, se demandado pelos próprios negros americanos sem declará-lo antecipadamente como uma demanda (Trotsky, 1972a, p.31).

Em suas *Notas preliminares sobre a questão do negro*, James defendera o apoio do SWP para a formação de “uma organização negra” que visaria ser “a organização de um movimento negro” para lutar pelos direitos civis e políticos e pela plena participação em sindicatos (McLemee, 1996, p.9). Parece que James tinha em mente algo parecido com um ramo americano do International African Service Bureau [Escritório Internacional de Serviços Africanos] (IASB) com a qual ele se envolvera na Grã-Bretanha, uma organização pan-africana politicamente radical, que seria organizada de modo independente pelos negros. Após um tour de seis meses falando em nome do movimento trotskista nos Estados Unidos e por meio de seus outros contatos que ele havia feito como representante local da IASB, James sentiu que existia nos EUA o potencial para construir uma organização de massa, que não existia na Grã-Bretanha, onde a população negra era minúscula comparativamente. Em razão de os negros americanos “individualmente e na massa [...] permanecerem profundamente desconfiados dos brancos”, James insistiu que era necessário construir uma organização essencialmente negra, que colocaria as massas “em movimento, a única maneira como eles iriam aprender as realidades da atividade política e seriam levados a perceber a necessidade da luta mortal contra o capitalismo” (Trotsky, 1972a, p.21, 39).⁹

A reação positiva de Trotsky à proposta de James mostra sua flexibilidade como um teórico e estrategista marxista: “O que o camarada Johnson [pseudônimo de James] nos diz agora é muito importante [...]. Teoricamente, parece-me absolutamente claro que uma organização especial deveria ser criada para uma situação especial”. De fato, “as grandes massas dos negros estão atrasadas e oprimidas e essa opressão é tão forte que eles devem senti-la a todo momento; que eles a sentem como negros. Devemos encontrar a possibilidade de dar a esse sentimento uma expressão em organização política”. “Nosso movimento está familiarizado com formas tais como o partido, o sindicato, a organização educacional, a cooperativa, mas este é um novo tipo de organização, que não coincide com as formas tradicionais”, observou Trotsky. Mas ele estava disposto a ver as possibilidades potenciais e apoiar a criação de um projeto tão novo, dadas as circunstâncias específicas do período. “Se outro partido tivesse organizado tal movimento de massa, certamente participaríamos como uma fração, contanto

9 James esperava, por exemplo, em 1939, “estabelecer a *International African Opinion* [revista da IASB] como uma revista teórica mensal, financiada, até certo ponto, dos Estados Unidos, [e] torná-la duas vezes maior do que o seu tamanho atual”.

que incluísse trabalhadores, pequenos burgueses pobres, agricultores pobres e assim por diante”. Contudo, Trotsky argumentou com prudência, observando que havia enormes dificuldades pela frente, que poderiam se mostrar intransponíveis. Não apenas o movimento trotskista internacional estava sendo perseguido pelo terror e calúnia stalinistas, mas também o SWP americano era muito pequeno e ainda não tinha clareza suficiente sobre a questão do negro. Como Trotsky colocou: “Resta saber se podemos nós mesmos tomar a iniciativa de formar uma organização de negros enquanto tais.” James tinha observado que havia desilusão entre alguns intelectuais negros por causa das traições do stalinismo (a União Soviética havia conhecido vendendo petróleo a Mussolini na época da guerra bárbara da Itália fascista contra a população da Etiópia), mas como Trotsky respondeu, “a verdadeira questão consiste em se é ou não possível organizar um movimento de massa”, dadas as dificuldades com que se deparava o extremamente pequeno movimento trotskista (Trotsky, 1972a, p.33-36).

No entanto, James e Trotsky concordaram, em teoria, em tentar se preparar para o futuro começo de tal organização com apoio trotskista. Por volta de uma semana após o encontro, James escreveu em uma carta particular que “terei que fazer alguns meses de estudo intensivo, antes de lançarmos a organização [...] provavelmente terei que ir à África alguma vez. Todas essas coisas têm que ser trabalhadas”. James, entretanto, observou que Trotsky:

é o mais entusiasta da questão N[egra]. Ele é certamente uma personalidade notável e, é fácil ver, um ótimo orador [...]. Ele concordou quase inteiramente com meu memorando sobre a questão do negro. Sobre autodeterminação, em particular, não houve dificuldade. Se os negros a querem, então nós somos a favor, mas não a defendemos. O que me pareceu sempre ser a posição óbvia.

Alguns poucos dias depois, James escreveu novamente:

Estou pensando sobre a questão dos negros [...]. Conversei muito com LT [Leon Trotsky], e estou pensando sobre tudo que ele disse. Agora estou certo que ninguém na América, ninguém no partido, jamais viu a questão dos negros pela coisa gigantesca que é e será cada vez mais. LT a vê, eu estava apalpando em busca dela. Começo a vê-la agora cada dia mais claramente. (Grimshaw, 1990, p.38-39, 49)

Em julho de 1939, a convenção da SWP não discutiu as possibilidades de ajudar a lançar uma organização negra, mas aceitou duas resoluções rascunhadas por James. Após a convenção, James encabeçou um recém-formado departamento nacional negro do SWP, estabeleceu uma coluna sobre “A Questão Negra” para o jornal do SWP, *Socialist Appeal*, e realizou aulas sobre história dos negros. A edição de dezembro de 1939 da revista teórica *New International* foi um “Número Especial Negro” com um excelente artigo de James sobre “A Revolução e

o Negro”. Por março de 1940, a nova estratégia havia levado ao recrutamento de cerca de 30 novos membros negros e James observou com satisfação que o PC estava atualmente “realizando uma furiosa campanha em suas aulas sobre trabalho negro contra a ‘linha trotskista’ sobre a questão negra”. De volta ao México, Trotsky estava muito satisfeito quando perguntou a um visitante americano sobre o trabalho de James e foi dito que o departamento negro “estava trabalhando noite e dia” (McLemee, 1996, p.XXII; James, 1939).¹⁰

Enquanto o desafio da Segunda Guerra Mundial e as subsequentes divisões no movimento trotskista americano sobre a natureza de classe da Rússia stalinista significavam que os planos de James e Trotsky para ajudar no lançamento de uma organização negra nunca saíram do papel, a troca entre os dois continua notável e vale a pena reler. Como Scott McLemee observa, “a discussão entre Trotsky e James não foi uma discussão entre mestre e discípulo. Tampouco foi um debate. Pelo contrário, ocorreu um diálogo genuíno”, abrangendo desde a natureza do Garveyismo até a natureza reacionária dos partidos Democrata e Republicano (McLemee, 1996, p.XXI).

Algumas das ideias específicas de campanha sugeridas nesse encontro deveriam de fato ser retomadas no movimento dos direitos civis dos anos 1950. James, por exemplo, sugeriu que a “discriminação racial nos restaurantes deveria ser combatida por uma campanha. Alguns negros em qualquer área entram todos juntos em um restaurante, pedindo, por exemplo, um café, e se recusam a sair até que sejam servidos. Seria possível sentar ali durante um dia inteiro de maneira muito ordeira e lançar sobre a polícia a necessidade de remover esses negros”. Trotsky concordou, acrescentando: “Sim e dar-lhe um caráter ainda mais militante. Poderia haver um piquete do lado de fora para atrair a atenção e explicar alguma coisa sobre o que está acontecendo” (Trotsky, 1972a, p.40, 46). É uma homenagem à compreensão de Trotsky sobre a dinâmica da raça e da revolução nos EUA em 1939 que James, mesmo depois de ter rompido com o trotskismo ortodoxo, sempre consideraria Trotsky como “um dos poucos que depois de poucas horas de conversa me deixou tão cansado como se eu tivesse sido submetido a um espremedor. Suas respostas a perguntas difíceis eram tão firmes, tão precisas e levavam o assunto a áreas insuspeitas, mas relevantes, que eu senti que era eu quem estava sendo examinado” (James, 1969, p.249).

Em uma conversa de 1980 com David Widgery, James lembrou quão “tremendamente impressionado” ele havia ficado, em geral. “Trotsky começou com a análise – internacional, política, filosófica. Mas a ação, a atividade, sempre se

10 Este tipo de trabalho prático concreto que ocorreu após a discussão de Trotsky e James, em 1939, sugere que é um pouco injusto acusá-los de serem ambos “utópicos” e tendendo a uma “superestimação das oportunidades e perspectivas dos revolucionários”, com base em alguns dos termos utilizados em sua discussão, como faz Ahmed Shawki (2006, p.150). A discussão anterior de Shawki sobre os debates de 1939 também tende a ler a posterior política espontânea de James de volta a esses debates, de uma forma que corre o risco de confundir mais do que esclarecer (Shawki, 1990).

seguiu. Eu tive um vislumbre do que o bolchevismo da velha escola significava” (Widgery, 1989, p.124).¹¹

De Trotsky à atualidade

Certa vez, Tony Cliff observou que “as ideias de Trotsky podem ser muito parecidas com um riacho. O riacho desaparece da vista e então reaparece quilômetros depois. O córrego não tinha secado, estava apenas obscurecido de nossa vista abaixo da superfície” (Cliff, 2003, p.267). As ideias de Trotsky sobre a libertação dos negros nos Estados Unidos devem contar como uma de suas contribuições mais esquecidas para a teoria marxista, de fato, permanecendo em arquivos privados por vinte e sete anos após seu assassinato. Com o surgimento do movimento Black Power, as transcrições de discussões de Trotsky foram publicadas pelo movimento trotskista americano. Contudo, o fato de Trotsky ter reconhecido a validade da própria atividade e da auto-organização independente na luta pela libertação dos negros seria de imensa importância, ao permitir que ao menos elementos desse movimento se preparassem de modo mais efetivo para o movimento de direitos civis quando ele explodiu nos anos 1950 e se relacionassem com figuras nacionalistas negras como Malcolm X.¹²

Hoje, eventos como o furacão Katrina estão alimentando uma crescente radicalização política entre os negros norte-americanos e outros, no coração da besta do capitalismo, testemunho que pode ser visto na mobilização massiva que ajudou a impulsionar Barack Obama ao poder. Grande parte da discussão de Trotsky sobre a questão dos negros está estruturada dentro de um quadro ligeiramente abstrato do “direito à autodeterminação”. Contudo, desde seu encontro com Claude McKay até seu encontro com C. L. R. James, Trotsky sempre tentou relacionar conceitos abstratos tais como “autodeterminação” e a luta concreta contra o racismo na América por meio de uma discussão sobre o tipo das estratégias políticas e organizacionais necessárias. Ao fazer isso, ele permaneceu nas melhores tradições do marxismo revolucionário, desde o apoio do próprio Marx durante a Guerra Civil Americana àqueles que Trotsky chamou de “os escravos negros do capitalismo americano”.

Mesmo que Barack Obama possa simbolizar o desejo massivo por “mudança” nos Estados Unidos e, de fato, sua vitória abra novas oportunidades para a esquerda, seu sucesso significa, em última análise, meramente um registro do progresso histórico feito até agora por meio das lutas anteriores pela libertação

11 Para as discussões de James com Trotsky sobre bolchevismo, bem como sobre nacionalismo negro, ver James (1984).

12 Em 1965, enquanto estava em Londres, Malcolm X disse a Jan Carew: “Sou muçulmano e revolucionário e estou aprendendo cada vez mais sobre teorias políticas com o passar dos meses. O único grupo marxista na América que me ofereceu uma plataforma foi o Partido Socialista dos Trabalhadores. Eu os respeito e eles me respeitam” (Boggs, 1998, p.282). Para mais informações sobre Malcolm X, ver Ovenden (1992) e Shawki (2006, p.170-186).

dos negros nos Estados Unidos.¹³ Nas lutas que virão, não basta que os marxistas simplesmente defendam a causa da libertação dos negros, por mais vital que isso seja. As limitações inerentes ao nacionalismo negro, seja no plano cultural ou político, significam que os socialistas revolucionários também devem se organizar politicamente para garantir que tais movimentos estejam unidos à luta mais ampla pela emancipação humana, contra a exploração e contra outras formas de opressão. Como o próprio Trotsky deve ter brevemente sentido depois de 1917, a satisfação de poder finalmente registrar a chegada ao palco da história de um antídoto permanente contra o veneno do racismo virá apenas com uma revolução socialista vitoriosa.

Referências bibliográficas

- BOGGS, Grace Lee. *Living for Change: An Autobiography*. Minneapolis; Londres: University of Minnesota Press, 1998.
- CHOONARA, Esme. *A Rebel's Guide to Trotsky*. Londres: Bookmarks, 2007.
- CLIFF, Tony. *Marxist Theory After Trotsky: Selected Writings*. v.3. Londres: Bookmarks, 2003.
- CLIFF, Tony. *Trotsky: Towards October, 1879-1917*. Londres: Bookmarks, 1989.
- DEUTSCHER, Isaac. *The Prophet Armed – Trotsky: 1879-1921*. Londres: Oxford University Press, 1979.
- EASTMAN, Max. Biographical Note. In: MCKAY, Claude. *Selected Poems of Claude McKay*. [S. l.]: Bookman Associates, 1953.
- GRIMSHAW, Anna (org.). *Special Delivery: The letters of C.L.R. James to Constance Webb, 1939-1948*. Oxford: Blackwell, 1990.
- HØGSBJERG, Christian. 2006, CLR James: The Revolutionary as Artist. *International Socialism*, 112 (autumn 2006). Disponível em: www.isj.org.uk/?id=253.
- JAMES, C. L. R. *At the Rendezvous of Victory: Selected Writings*. v.3. Londres: Allison & Busby, 1984.
- JAMES, C. L. R. *Beyond a Boundary*. Londres: Hutchinson, 1969.
- JAMES, C. L. R. 1939, Revolution and the Negro. Disponível em: www.marxists.org/archive/james-clr/works/1939/12/negro-revolution.htm.
- JAMES, Winston. A Race Outcast from an Outcast Class: Claude McKay's Experience and Analysis of Britain, In: SCHWARZ, Bill (org.). *West Indian intellectuals in Britain*. Manchester, UK: Manchester University Press, 2003.
- JAMES, Winston. *Holding Aloft the Banner of Ethiopia: Caribbean Radicalism in Early Twentieth Century America*. Londres: Verso, 1999.

13 Seria tolice especular exatamente sobre o que Trotsky ou James teriam pensado de Obama, mas os comentários de James sobre Jesse Jackson podem ser de interesse. Em julho de 1988, James recebeu a visita do romancista da Índia Ocidental, George Lamming, e do historiador americano Vincent Harding. Lamming lembra que James “perguntou sobre Jesse Jackson e suas perspectivas na campanha presidencial americana”. Harding deu um relato, etapa por etapa, sobre a ascensão de Jackson à proeminência. Então James disse, com aquele velho círculo característico da mão: “Eu tenho acompanhado esta ascensão, mas me diga, ele sabe onde vai pousar?” (Lamming, 1992, p.200)

- KNEI-PAZ, Baruch. *The Social and Political Thought of Leon Trotsky*. Oxford: Clarendon Press, 1979.
- LAMMING, George. CLR James, Evangelist. In: DRAYTON, Richard; ANDAIYE (orgs.). *Conversations – George Lamming: Essays, Addresses and Interviews 1953-1990*. Londres: Karia Press, 1992.
- LÖWY, Michael. *Fatherland or Mother Earth? Essays on the National Question*. Londres: Pluto Press/International Institute for Research and Education, 1998.
- MARX, Karl. *Capital*. v.1. Londres: Penguin, 1976 [1.ed. 1867].
- MCKAY, Claude. *A Long Way from Home*. Nova York: Arno Press/The New York Times, 1969.
- MCKAY, Claude. Report on the Negro Question: Speech to the Fourth Congress of the Comintern. [s.n.t.], 1922. Disponível em <https://www.marxists.org/history/usa/groups/abb/1922/1100-mckay-cominternspeech.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2022.
- MCKAY, Claude. Soviet Russia and the Negro. [s.n.t.], 1923. Disponível em: <https://marxists.architexturez.net/history/usa/groups/abb/1923/1200-mckay-sovietrussia.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2022.
- MCLEEMEE, Scott (org.). *CLR James on the “Negro Question”*. Jackson: University Press of Mississippi, 1996.
- OVENDEN, Kevin. *Malcolm X: Socialism and Black Nationalism*. Londres: Bookmarks, 1992.
- PHELPS, Christopher. Introduction – Race and Revolution: A Lost Chapter in American Radicalism. In: SHACHTMAN, Max. *Race and Revolution*. Londres: Verso, 2003.
- SHAWKI, Ahmed. Black Liberation and Socialism in the United States. *International Socialism*, 47, Summer 1990.
- SHAWKI, Ahmed. *Black Liberation and Socialism*. Chicago: Haymarket, 2006.
- TROTSKY, Leon. *My Life: An Attempt at an Autobiography*. Londres: Penguin, 1979. Uma versão alternativa está disponível em: www.marxists.org/archive/trotsky/1930/mylif/. Acesso em: 19 ago. 2022.
- TROTSKY, Leon. *On Black Nationalism and Self-Determination*. Nova York: Pathfinder Press, 1972a.
- TROTSKY, Leon. *The First Five Years of the Communist International*. v.2. Nova York: Pathfinder, 1972b. Uma versão alternativa está disponível em: www.marxists.org/archive/trotsky/1924/ffyci-2/. Acesso em: 19 ago. 2022.
- WIDGERY, David. *Preserving Disorder: Selected Essays, 1968-88*. Londres: Pluto, 1989.
- YOUNG, James D. *Socialism since 1889: A Biographical History*. Londres: Pinter, 1988.

Resumo

Os críticos mais radicais de Leon Trotsky têm frequentemente feito a afirmação de que ele não entendeu a questão racial. Este artigo não pretende sugerir que Trotsky tenha dado qualquer tipo de “resposta revolucionária à questão do negro”, mas simplesmente tenta defendê-lo das acusações levantadas contra ele: oportunismo político e rude filisteísmo. Argumenta-se que, apesar das inevitáveis limitações e deficiências em alguns pontos, Trotsky demonstrou, de modo

geral, uma simpatia instintiva e um desejo aguçado por uma compreensão mais profunda da luta de libertação negra no país, combinados com uma imaginação característica de um dos maiores revolucionários da tradição marxista clássica.

Palavras-chave: Leon Trotsky; Questão Racial; C. L. R. James; Estados Unidos; Marxismo.

Abstract

Leon Trotsky's most radical critics have often made the claim that the Ukrainian revolutionary did not understand the racial question. This article is not intended to suggest that Trotsky gave any kind of "revolutionary answer to the Negro question", but will simply attempt to defend him from the charges leveled against him. That is, defending him against the accusation of political opportunism on the one hand and rude philistinism on the other. It is argued that, despite the inevitable limitations and shortcomings at some points, Trotsky generally demonstrated an instinctive sympathy and a keen desire for a deeper understanding of the black liberation struggle in the country, combined with an imagination characteristic of one of the greatest revolutionaries of the classical Marxist tradition.

Keywords: Leon Trotsky; Racism; C. L. R. James; United States; Marxism.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

O fascismo e o Estado

Armando Boito Jr.

Marx depois da MEGA2

Marcello Musto

Nova leitura de Marx

Jan Hoff

Marx, o marxismo e o comunismo

W. E. B. Du Bois

A Viena vermelha

Michael R. Krätke

53